

José Silveira Machado

Exílio, Solidão e Orientalismo

ANTÓNIO ARESTA*

RESUMO: Professor, jornalista, poeta e dirigente associativo, José Silveira Machado [24.10.1918 – 18.11.2007] foi um carismático membro da comunidade portuguesa, tendo chegado a Macau em 1933 e aí permaneceu até ao fim dos seus dias.

Foi um dos fundadores do jornal *O Clarim*, em 1948, e desde então manteve uma importante intervenção cultural e cívica sobre os problemas de Macau, sempre com uma elevada eticidade intelectual e sem subalternizar a história do Território.

Na sua poesia podemos encontrar um olhar alegorizado sobre o Oriente, o culto melancólico e místico da amizade ou o espírito claro do sentimento religioso traduzido em solilóquios. A sua poesia quando procura revelar o ser, possui por vezes uma densidade filosófica que cruza a linha do Oriente e do Ocidente.

Este artigo procura, igualmente, fixar a sua bibliografia e reúne um conjunto inédito de depoimentos sobre a sua vida e obra.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Poesia; Orientalismo; Exílio; História de Macau; Filosofia.

José Silveira Machado [24.10.1918 – 18.11.2007], açoriano de Velas, na ilha de São Jorge, foi um carismático homem de letras, dividido entre a poesia, o ensino e o jornalismo. Observador arguto da vida quotidiana de Macau, José Silveira Machado teve uma constante intervenção cívica na imprensa, essencialmente no jornal '*O Clarim*',¹ do qual foi um dos fundadores, corria o ano de 1948. Esse activo espírito reformista e de culta expressão de cidadania torna-o, neste particular, um seguidor de Manuel da Silva Mendes.

Chegou a Macau em 1933, com apenas 15 anos de idade, para o Seminário de S. José. O Liceu tinha 167 alunos² e da Escola Comercial Pedro Nolasco não

se conhecem estatísticas. O Bispo era o açoriano D. José da Costa Nunes e o Governador era o tenente-coronel António Bernardes de Miranda. Nesse mesmo ano era promulgada a nova Constituição e republicado o Acto Colonial. Era o amanhecer do Estado Novo, sob a égide de António de Oliveira Salazar. No dia 21 de Dezembro de 1933 o Boletim Oficial da Colónia de Macau³ transcrevia o extenso Decreto Nº 21 110, sobre o novo Regulamento da Educação Física nos Liceus, assinado pelo Ministro da Instrução Pública, Gustavo Cordeiro Ramos e promulgado pelo Presidente da República António Óscar Fragoso Carmona. Cultivar o corpo e a motricidade de uma forma pioneira e inovadora era o que se pretendia, se possível com uma prática e com um exemplo que transbordasse o ensino oficial, chegando, nomeadamente aos Seminários e a outras escolas de orientação religiosa.

*Professor e investigador. Doutorando em Filosofia (Universidade do Porto). Autor de diversos estudos sobre a história de Macau.

Teacher and researcher. Author of various studies on Macao History he is currently preparing his Ph.D. in Philosophy at Oporto University.

José Silveira Machado⁴ conta como é que veio parar a Macau : “Como se deu a minha vinda para tão longe? Meu pai era lavrador e tinha uma criação de vacas leiteiras, pois sou natural de S. Jorge, a ilha do queijo e da manteiga. Mas nunca tive queda para a lavoura nem para a pastorícia. Eu queria era prosseguir os estudos, o que não era possível na minha ilha e meu pai não tinha meios para me mandar para fora. Foi então que um missionário de Macau, que era natural da ilha do Pico, foi de férias aos Açores e fez convites a alguns rapazes para virem para Macau frequentar o Seminário. Eu aceitei logo e, apesar de ser o filho mais velho, meus pais não se opuseram, disseram logo que sim”. Os Açores e Trás-os-Montes foram, mercê de circunstâncias várias, provavelmente as zonas geográficas de Portugal que mais vocações missionárias proporcionaram à Igreja Católica.

Nem ele, tão pouco a família tinham uma exacta noção da localização de Macau, algures entre o muito longe ou lá para as terras da China, que no imaginário popular significava o fim do mundo. Mas isso não foi um obstáculo. Eram tempos muito duros e heróicos, esses em que as crianças e os adolescentes cruzavam os continentes e os oceanos para servirem causas transcendentais e para se educarem. Sem o apoio da família, enfrentavam um mundo radicalmente diferente, da geografia física e clima, passando pela cultura, pela língua ou pela gastronomia. A vertigem da novidade e do desconhecido, tolhiam por vezes o desenvolvimento da personalidade e o equilíbrio emocional dos jovens. O Seminário de S. José era uma antiga e prestigiada instituição educativa, da Diocese de Macau, fundada em 1728 e com uma longa tradição na hospitalidade e no acolhimento de jovens que eram destinados à carreira eclesiástica. Em 1933, o ano em que José Silveira Machado entra no Seminário, este encontrava-se sob a direcção dos Jesuítas e o seu director era o padre António Dinis Henriques Farto.

A descrição da sua primeira viagem intercontinental foi registada, por José Silveira Machado, com esta particular sensibilidade, ora comovida, ora deslumbrada⁵ pelo admirável mundo novo:



José Silveira Machado. Cortesia Jornal O Clarim.

“A viagem fez-se ao ritmo das horas na imensidão de mares e continentes.

Trajectória com ponto de partida no mar atlântico e ponto e chegada no Rio das Pérolas.

Rota de sonho, encanto, magia.

S. Jorge, Lisboa, Argel, Marselha, primeiro fascínio de outras gentes, de outras paragens.

Port-Said, Suez, de minaretes e trajas exóticos, Mar Vermelho à sombra do Sinai, Djibuti, os altos penhascos de Aden.

O Índico a conduzir a rota até Colombo, a indicar marcas da hora magnífica da descoberta do mundo, do arredondamento da terra.

Estreito de Malaca, o Oriente à vista.

No Pacífico a verdejante baía de Singapura, o cenário deslumbrante do rio Mekong, Saigão, de toque francês e gentes estranhas.

Hongkong, Macau, num estuário de ilhas e

ORIENTALISMO

ilhotas a emoldurar a fisionomia do Rio das Pérolas.

Os caminhos a infância entraram pela porta da Baía.

Os sonhos de menino cresceram em sensibilidades novas.

Uma outra trajectória se prolongou noutro tempo e noutro espaço.”

O seu testemunho é por todos esses motivos deveras importante: “e assim cá vim parar, na companhia de mais cinco rapazes, dos quais apenas um se ordenou. Tive no Seminário grandes mestres, quase todos jesuítas, com excepção do então diácono Manuel Teixeira, hoje monsenhor, que foi o meu primeiro professor de Latim. De todos os meus professores, o P. Revelard, Belga, que leccionava Matemática, o P. Manuel Ferreira, professor de Francês, e outros, apraz-me recordar o P. Joaquim Guerra, que me ensinou todo o Português que eu sei”.⁶

Abriu-se um outro mundo de descobertas e de prazeres, cuja largueza de horizontes lhe apraz rememorar: “tínhamos, de facto, bastante liberdade, tínhamos muitas actividades escolares, muitos passeios. Naquela altura podíamos passar as Portas do Cerco sem qualquer problema. Quantos passeios eu dei à China! Nesses passeios, íamos muitas vezes à ilha da Lapa que, por detrás da encosta virada para Macau, tem um vale muito arborizado, com água corrente, e com mesas de pedra para piqueniques. Também íamos muitas vezes à Taipa e a Coloane, fazendo a viagem de sampana, em que eram os seminaristas a remar, com permissão das raparigas chinesas que se dedicam a essa profissão”.⁷

O estudo da língua chinesa não era valorizado de todo, sequer como estratégia para a missionação.⁸ Diz-nos, “nunca tive aulas de chinês, mas no recreio da noite, antes da hora de dormir, constituíram-se grupos de alunos portugueses e chineses que eram obrigados num dia a falar português, noutro a falar chinês. Foi assim que aprendi algum do pouco chinês

que falo. Não consigo dar os tons, pois não tenho ouvido nenhum para a música, a ponto de ter sido dispensado das aulas de música”.⁹

A fascinação intelectual viria a seguir : “Na Ilha Verde tínhamos as férias grandes que eram sempre estupendas. Eu aproveitava essas férias, como nunca fui um grande desportista, para devorar livros. Li todo o Eça, todo o Almeida Garrett, todo o Alves Redol, todo o Alexandre Herculano, além de muitos Sermões do padre António Vieira. Havia livros que não éramos autorizados a ler, eu ia à biblioteca e levava-os às escondidas para a casa de férias.(...) Além da Biblioteca Nacional, instalada no edifício do Leal Senado, riquíssima em obras de muito valor, havia as bibliotecas do Clube Militar e do Clube de Macau que, segundo consta, levaram um sumiço que ninguém sabe explicar”.¹⁰ A grande e sólida cultura geral nasce nesse tempo, transformando-se, aprimorando-se e especializando-se com o passar dos anos.

A aprendizagem da cartografia mental e emocional da cidade, por vezes sozinho, outras vezes acompanhado pelos amigos mais afoitos, foi de uma saborosa lentidão,¹¹ no espaço e no tempo :

“A cidade era um mundo de fascínio e de mistério. Abria as suas portas à curiosidade e aos anseios da minha irrequieta juventude.

Percorri ruas de luz baixa, onde os recortes das silhuetas semelhavam sombras fugidias.

Deambulei por bairros excêntricos, apinhados de gente pobre e anónima num vaivém de silenciosas amarguras.

Penetrei em vielas esconsas, espicaçado pelo entrechocar de sensações narcotizantes.

Transpus os pórticos dos templos budistas no desejo de desvendar os mistérios da velha China. Calcorreei calçadas e subi colinas para mergulhar o pensamento e a sensibilidade nos encantos e desencantos da cidade cristã.

Subi o rio por entre juncos, lorchas e sampanas, para sentir a vida dos homens do mar, na sua

ORIENTALISM

*luta contra a incerteza dos ventos e das marés.
 Palmilhei a estrada inquietante duma mocidade
 fogosa.
 Alonguei os braços na madrugada indecisa da
 fantasia.
 Corri como um louco na ânsia de sorver, no colo
 nívoo da arte e da beleza, as delícias embriagantes
 das noites orientais.”*

Por este enquadramento, percebemos com alguma clareza os motivos pelos quais José Silveira Machado não se sentia com uma vocação genuína e inteira para abraçar o múnus do sacerdócio. E tudo sucedeu da forma mais insólita: “Eu tinha a mania de ser poeta, de escrever poesia, que guardava na gaveta da minha carteira de estudo. Um colega foi lá, tirou um poema de cariz amoroso e distribuiu-o por outros alunos. Isso chegou ao conhecimento do prefeito e do reitor que ficaram muito escandalizados e preocupados. Fui logo separado do resto da comunidade e metido num dos quartos que havia nas caves. E como tive de sair do Seminário, não terminei o Curso de Humanidades, o que só vim a fazer depois, quando já era homem”.¹²

Parece-me importante fazer uma reflexão sobre o ambiente cultural de Macau, cuja realidade multicultural era complexa por ser policêntrica. A Igreja Católica era a única instituição verdadeiramente organizada e que dispunha de um grupo de colaboradores claramente internacionalizado e que pontificavam no ensino e na doutrinação moral. Depois do desaparecimento das grandes figuras como Camilo Pessanha, Pedro Nolasco da Silva, Manuel da Silva Mendes, Lourenço Marques ou José Gomes da Silva, cujo legado de laicidade axiológica, de intervenção cívica e política teve um grande peso em Macau, outras personalidades emergiram tais como Carlos Montalto de Jesus, João Paulino de Azevedo e Castro, Charles Boxer, Jack Braga e José da Costa Nunes. No tempo de José Silveira Machado duas

figuras de enorme influência na formação dos jovens foram o padre Fernando Maciel, director de *O Clarim* por longos anos, jornalista de fôlego e grande cultor da língua portuguesa e o padre Júlio Massa, filósofo com uma obra muito relevante, ambos injustamente esquecidos nesta modernidade inculta e apressada. Da geração de José Silveira Machado, começam a despontar outras figuras como Luís Gonzaga Gomes, Deolinda da Conceição, Herculano Estorninho, Adé/ José dos Santos Ferreira, António Augusto da Canhota, Tomás da Rosa Pereira ou José Carvalho e Rego. O padre Manuel Teixeira missionava em Singapura. O padre Joaquim Guerra SJ e o padre Benjamim Videira Pires SJ, conciliavam a missionação com a reflexão e o estudo sinológicos. A imprensa, apesar da vigilância exercida pela Comissão de Censura, foi uma grande escola formativa para os portugueses expatriados e para a comunidade portuguesa residente. A identidade portuguesa muito ficou a dever a Hermann Machado Monteiro ou a Domingos da Rosa Duque, cujos jornais foram símbolos de cultura.

A saída do Seminário foi um salto no desconhecido, numa cidade onde não dispunha do conforto da família que estava nos Açores, ou da solidariedade dos amigos. O passo seguinte foi o ingresso na vida militar: “Conheci José dos Santos Ferreira quando éramos dois garbosos soldados, nos anos 1938\1939, na Companhia de Artilharia de Macau, e logo nos tornamos grandes amigos. Chegado dos Açores a Macau, entrei directamente para o Seminário. Do Seminário fui prestar o serviço militar. Quando saí, era praticamente um desconhecido em Macau, sem família e com poucos amigos, e o Adé foi então para mim mais do que um amigo. Proporcionou-me um acontecimento que eu nunca mais esqueci e que teve uma influência muito grande em toda a minha vida. O meu primeiro contacto com uma família macaense num rico jantar de uma noite de Natal. Pela primeira vez entrei em contacto com a sociedade macaense, com o seu calor humano, com os seus costumes, com as suas tradições, com o seu

ORIENTALISMO

portuguesismo arreigado, com os seus sentimentos religiosos. Depois dessa noite de Natal, nunca mais, praticamente, nos separamos na vida. Começamos por trabalhar juntos no jornal *Renascimento* com dois grandes vultos da cultura macaense dos anos 50, Luís Gonzaga Gomes e Francisco de Carvalho e Rêgo. Passamos depois para o bissemanário *O Clarim*".¹³ Contudo, a vida militar deixará alguma nostalgia no seu espírito e nas suas memórias, "onde fiquei dois anos e quatro meses. Fui obrigado a deixar o serviço militar por ter mais de quarenta dias de hospitalização, uma dessas leis coloniais que nunca cheguei a compreender. Mas talvez tenha sido a forma de não me agarrar àquela vida".¹⁴

A segunda guerra mundial, cujo palco no Pacífico foi de uma inaudita violência, afectou o livre-trânsito das pessoas e por isso cortou carreiras escolares e universitárias e também promissoras trajectórias profissionais. A situação de José Silveira Machado não foi um caso único. O Japão, na região da Ásia e do Pacífico, representava o epicentro de um expansionismo brutal que afectou directamente Macau, cuja periclitante neutralidade se assemelhava a uma ilha rodeada pelas novas possessões sob o controle nipónico. Recorda a difícil posição portuguesa: "Tanto nas horas felizes como nos momentos de angustiosa incerteza, sempre Macau com todos repartiu o pão da sua mesa e a paz da sua vida de bem-querer e de bem fazer. Do vasto território chinês vieram, em horas de aflição, milhares e milhares de foragidos a quem Macau abriu as suas portas de par em par. Em todos os tempos, vai em mais de quatro séculos, recebeu e agasalhou esta minúscula parcela de Portugal no Oriente centenas de refugiados, provando sempre, apoiada no heroísmo da caridade, a pujança espiritual dos seus destinos e a nobreza da civilização latina e cristã".¹⁵ E, concretiza, para a memória futura, o seu testemunho pessoal: "Foi, contudo, a partir de 1937, ano em que as forças nipónicas invadiram a China, que Macau se tornou seguro e humanitário centro de refúgio. A histórica Porta do Cerco abriu-se de par em

par, como reconfortante certeza de paz e de esperança, para deixar passar quantos necessitam de pensar feridas, de encontrar repouso para o corpo e para o espírito, de angariar honestamente, protegidos por leis igualitárias, o pão diário. Mas a *Porta do Cerco* viu, sobretudo, passar centenas e centenas de crianças que, nos asilos e orfanatos da cidade, se preparam para as contingências da vida e para as incertezas do futuro".¹⁶

Ingressa na antiga Repartição da Fazenda, "como fiscal do *liu-pun*, vinho chinês. Ganhava 17 patacas por mês, que não chegavam para viver. Resolvi o problema indo de casa em casa, após as horas de expediente, dar explicações. Fui subindo na carreira de funcionário, sempre por meio de concurso, em que fiquei sempre classificado em primeiro lugar, o que constitui um certo orgulho e vaidadezinha. Naqueles tempos não se davam promoções por mérito ou antiguidade. Era tudo muito rigoroso, porque havia muita gente à procura de emprego e os lugares eram poucos. Aposentei-me na categoria de chefe de secção, o máximo a que podiam ascender os não licenciados".¹⁷

Manteve em paralelo à sua carreira profissional outros interesses que eram absorventes nas suas exigências especializadas, nomeadamente a docência e o exercício do jornalismo, para além da militância na vida social nos clubes e associações culturais, desportivas e recreativas. É assim que o encontramos nos corpos gerentes do Sport Macau e Benfica, do Hoqueí Clube de Macau, na Secção Desportiva da Mocidade Portuguesa de Macau, na Associação de Futebol de Macau, na Associação Promotora da Instrução dos Macaenses, no Comité Olímpico de Macau, no Conselho Provincial de Educação Física ou entre os fundadores do Círculo Cultural de Macau. Já octogenário, ainda se mobilizou generosamente para emprestar o seu saber de hospitalidade multicultural nas funções de Conselheiro das Comunidades Portuguesas pelo Círculo da China/Japão/Tailândia. A paixão pelo cinema era enorme, não só pelos trabalhos jornalísticos que assinou, mas também porque esteve ligado à produção da primeira longa-metragem

ORIENTALISM



O corpo docente da Escola Comercial em 1952. Ao centro, Beatriz Nolasco da Silva, à sua direita Albertina Dias do Rosário e Idália Maria da Luz. À sua esquerda, Edmundo de Senna Fernandes e Gaby de Senna Fernandes. De pé da esquerda para a direita, Manuel Maria Sapage, Padre Ramiro Dias Branco, António Augusto da Canhota e José Silveira Machado. In "Duas Instituições Macaenses.". Machado, José Silveira e Guedes, João, p. 101, edição APIM, 1998.

rodada em Macau, "Os Caminhos Longos", para além de diversos documentários promocionais de Macau a que esteve associado.

A sua reconhecida erudição, decorrente da boa preparação académica recebida no Seminário de S. José, proporciona-lhe o acesso à docência: "Comecei a dar aulas no Instituto Salesiano, não propriamente a alunos, mas aos padres e irmãos leigos salesianos que se encontravam a trabalhar em Macau. Convidaram-me depois para leccionar no Colégio D. Bosco. Foram, ao princípio, aulas bastante difíceis, dada a minha quase nula experiência e *falta de calo* para ensinar turmas de rapazes irrequietos, traquinas e, às vezes, mal educados".¹⁸ Caso raro, mas não de todo invulgar no antigo espaço ultramarino, onde se cooptavam para a docência personalidades de mérito reconhecido, independentemente da titularidade de habilitações

formais, quase sempre inexistentes. A carreira docente aparece de mansinho, insinuando-se no seu modo de ser e de estar: "Mais tarde, convidaram-me para leccionar na Escola Comercial Pedro Nolasco, donde guardo as melhores recordações e onde me realizei como professor. Face ao meu espírito de iniciativa, revolucionei muita coisa naquela escola. No dia da festa da Escola, a 8 de Janeiro, era da praxe servir um lanche aos alunos, que consistia em um saquinho com sanduíches e bolos, e uma bebida. Cada um ia sentar-se na sua carteira a comer o seu lanche. Quando, no primeiro ano, vi aquilo, falei com a directora, a falecida D. Beatriz Nolasco da Silva, e disse-lhe que tínhamos de mudar aquilo. Ela alegou que se se preparasse uma merenda para todos, uns comiam tudo e os outros ficavam sem nada. Eu repliquei que o papel dos professores é precisamente educar os alunos,

ORIENTALISMO

para saberem comportar-se. Iniciei, também, ainda no edifício velho, ao cimo da Calçada do Gamboa, umas récitas músico-literárias, levadas a efeito numa aula, em cima de um estrado. Já no edifício novo, onde havia boas instalações, realizaram-se bons espectáculos. Dediquei-me ainda a promover o desporto, e a Escola Comercial teve brilhantes participações em muitas provas desportivas, o que lhe valeu muitas taças e troféus”.¹⁹

Era uma velha ambição da comunidade portuguesa a criação de uma universidade local²⁰ que facultasse o prosseguimento de estudos aos jovens chineses e portugueses de Macau. Após o fecho do Colégio Universitário de S. Paulo decorrente da expulsão dos jesuítas, a Universidade regressou a



José Silveira Machado, segundo, na fila do meio, da esquerda para a direita. In Adé dos Santos Ferreira\Fotobiografia, Marreiros, Carlos, ed. Fundação Macau, 1994, p. 88.

Macau em 1981 enquanto instituição particular de Hong Kong. O governo português adquiriu essa pequena escola do ensino superior em 1991 e transformou-a na Universidade de Macau.

Na Oração de Sapiência pronunciada na abertura solene das aulas na Escola Comercial Pedro Nolasco,²¹ José Silveira Machado enunciou com clareza o seu pensamento pedagógico, isto é a sua bússola axiológica para a educação: “Há que projectar a Escola na dimensão do futuro. Há que dar-lhe perspectivas que abram horizontes novos e mais aliciantes. Não se pode, porque isso é trair a verdadeira missão da Escola, confinar a educação da juventude às limitações do presente. Seria ficar para trás, ou mesmo recuar, na marcha acelerada do tempo. Para que a Escola possa acompanhar o ritmo da vida moderna, apresenta tendências para uma evolução cada vez mais dinâmica, mais agressiva e mais realista, torna-se imperioso imprimir-lhe novos rumos. Esses novos rumos consistirão essencialmente, em reformar métodos, actualizar processos de ensino, enquadrar a educação nas coordenadas do pensamento que domina hoje as estruturas sociais. Transformar as escolas em centros de convívio sócio-cultural. Sabemos todos que o mais transcendente objectivo da Escola é preparar os jovens para a vida”. Ideias arrojadas para tempos conservadores, convenhamos.

Henrique de Senna Fernandes, conhecido romancista e antigo director da Escola Comercial Pedro Nolasco, oferece-nos um testemunho lapidar sobre José Silveira Machado como professor : “Mas foi no ensino, sobretudo como professor de Português na Escola Comercial Pedro Nolasco que, descobrindo a verdadeira vocação, deu o melhor do seu entusiasmo e dedicação. Exercendo, sem desânimo, a difícil arte de ensinar a língua de Camões nestas paragens, classificou-se como um dos mais distintos docentes que leccionaram naquele estabelecimento já centenário. A demonstrar a sua competência, depõem os antigos alunos de trinta e mais gerações de estudantes que lhe guardam amizade e respeito e lhe estão reconhecidos.

ORIENTALISM



Henrique de Senna Fernandes, Director da Escola (4º a contar da esquerda), com professores e contínuos, da esquerda para a direita, António Augusto Basaloco, João Gonçalves Lucas (contínuo), João José Giga (contínuo), Cândida de Sousa Vieira, José Silveira Machado, António Pereira de Faria, Manuel Maria Sapage e António Maria da Conceição. In "Duas Instituições Macaenses.". Machado, José Silveira e Guedes, João, p. 101, edição APIM, 1998.

Esta foi a melhor recompensa que lhe podiam ter dado e de que muito se orgulha".²²

Mas o jornalismo foi uma paixão duradoura, um serviço à comunidade e um desafio permanente. Foi um dos fundadores de *O Clarim*, um jornal ainda hoje em publicação, e aí escreveu centenas de artigos, uns assinados mas a maioria sob pseudónimo ou não assinados. A sua colaboração estendeu-se à *Voz de Macau*, à *Comunidade*, ao *Boletim Informativo de Macau*, à *Revista Renascimento*, à *Revista Macau* [2ª série], tendo sido correspondente do *Diário da Manhã* e da *Revista Plateia*.

Monsenhor Manuel Teixeira, emérito historiador de Macau e um dos mais prolíficos colaboradores permanentes de *O Clarim*, publicou um divertido e jocoso poema dedicado ao jornal,²³ onde transparece o ambiente que se vivia em Macau, no círculo da comunidade portuguesa :

VAIDADE HUMANA

*Falei ontem ao Clarim;
Anda triste o desgraçado;
Diz que não agrada a todos
E não tem outro pecado.*

*Nesta terra de Macau,
Quem tem um olho é rei,
Ninguém tem defeito algum,
Tudo ouro puro de lei.*

*Se há um jantar no Estoril
Um tea-party no Solmar,
Se o Silveirinha faz anos,
Toma posse dum lugar,
Se o patrão vai à Formosa,
Ou dá baixa ao hospital,
Se o Zé passa em seu exame,*

ORIENTALISMO

*Ou vai até Portugal.
No aniversário da posse,
Ou quando tem um bebé,
Se dá um jantar chinês,
Ou, caindo, torce um pé,*

*Se desembarca em Macau,
Ou então prega um sermão,
Se às quintas vai aos rotários
E ali faz alocução.*

Espírito conservador e afecto ao regime que Salazar tinha acantonado no partido único, a União Nacional, José Silveira Machado manteve sempre uma postura equilibrada nos seus escritos,²⁴ uma pedagogia da solidariedade, com uma opinião substantivamente própria dentro da política ultramarina oficial: “Nunca preocupou o Governo da Província a mesquinha política de interesses reservados ou de domínio autoritário, por não estar isso de acordo com uma linha de conduta que, de há muito, orienta a nossa acção ultramarina. Amigos daqueles que nos vivem à porta, com eles estabelecendo as mais amistosas relações de convívio, sempre com todos nos demos bem. Daí as frequentes visitas de altas personalidades estrangeiras a esta cidade, numa demonstração concludente de que a nossa presença em Terras do Oriente, muito longe de prejudicar quem quer que seja, constitui uma vizinhança a todos os títulos proveitosa e que, de forma altamente meritória, contribui para um universalismo humanitário e cristão”.²⁵ A União Nacional publicava em Macau as alocuções doutrinárias do Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar,²⁶ não descurando assim a formação e a informação dos compatriotas que viviam no espaço ultramarino.

Mas José Silveira Machado, não poupa nas palavras e acentua um discurso inequivocamente situacionista e patriótico, quando o regime político é atacado, “Macau corou, não só de vergonha como também de indignação, diante da insidiosa e inequívoca atitude de uns quantos desgarrados que, valendo-se

duma ocasião propícia, se arrogaram o direito de pedir o afastamento de Salazar e a demissão do actual Governo Central. E num brado uníssono, o conjunto de bons portugueses desta como todas leal província portuguesa ergueu bem alto a sua voz, para clamar contra a indigna acção dos sectários da rebelião, da desordem e da descrença, que sub-repticiamente pretendem lançar o País no abismo da desunião e ruína total. Numa atitude que não deixa dúvidas quanto à malevolência dos seus desígnios escuros, esses energúmenos insensatos saíram pressurosos da penumbra onde se tinham mantido acobertados, com o intuito de mostrarem ao mundo o seu ódio desmedido a Salazar e ao regime que este grande Estadista criou e mantém firme, num esforço ímpar para salvar Portugal do caos e da confusão em que vivia outrora e no qual pretendem lançá-lo novamente tantos inimigos da nossa Pátria. Portugal é a Pátria digna dos bons Portugueses, que a receberam dos seus maiores e a querem conservar intacta para a legarem aos vindouros”.²⁷ Os problemas internos oriundos de informações maliciosas ou contra-informações, sobre o futuro de Macau não deixavam de agitar as consciências e o próprio equilíbrio político e social entre as comunidades,²⁸ gerando mal-estar e incomodidades. Esta parcela da história de Macau tem sido estrategicamente omitida, quer por portugueses, quer por chineses,²⁹ em contextos muito precisos.

A projecção internacional de Macau era suposto derivar da arte de ser português no mundo, acima das diferenças ideológicas, visto que “Foi de vincado humanismo a mensagem que trouxemos à velha terra dos mandarins”,³⁰ daí resultando uma excepcional harmonia luso-chinesa ou sino-portuguesa, pois “nunca numa existência de quatrocentos anos, se verificou, a dentro de suas muralhas, a diferenciação de raças, de credos ou de ideologias, para todos sendo de igual acolhimento a sombra benéfica da Bandeira das Quinas”.³¹ O *frisson nouveau* resultava da assumpção das confluências kantianas entre a moralidade do ser e a moralidade do dever, “Fomos nós que revelamos aos povos da velha Europa as

ORIENTALISM

subtilezas e as maravilhas das civilizações orientais, e abrimos, ante seus olhos ávidos e estarecidos, o caleidoscópio de seus ritos e crenças, de seus usos e costumes, de sua arte e de sua literatura. E fomos nós ainda que até eles trouxemos, em rajadas de génio, de audácia e de humanismo, o que de mais valioso possuía a civilização latina – os ensinamentos de Roma e de Atenas passados pelo crivo dos filósofos da Idade Média”.³² Por isso tinha toda a razão quando verberava, “o conformismo é o grito sinistro das grandes derrocadas, o toque alarmante da desagregação dos espíritos, a tábua de salvação dos homens de ideal amesquinhado e efêmero que ambicionam simplesmente a satisfação de momento. Não há pois lugar ao conformismo na hora grave que passa”.³³

É através da poesia que José Silveira Machado melhor assimila a essência fugitiva de Macau, que é uma realidade complexa, plural e em permanente

tensão identitária. A poesia revelou-se um vero exercício de aproximação ao real, com um olhar alegorizado sobre o oriente da imaginação, sempre com a presença de uma réstia de melancolia, porventura decorrente do sortilégio das ilhas dos Açores que inconscientemente o acompanhava :

*“E na sombra silenciosa do pagode,
diante do buda terrível e implacável,
a alma pequenina de SIU IENG
era uma espiral ondeante de incenso,
a subir, leve e lenta, em voluptuosa ode,
à região desconhecida do mistério imenso.”*³⁴

Este lirismo recorta com nitidez uma virtuosidade quase silogística numa realidade erotizada mas absorvidamente religiosa. Os mistérios orientais não são um ludíbrio sensorial em cima de um dramatismo intelectual, mas podem ser considerados como o inevitável sentido esotérico de uma realidade diferente onde tudo parece evanescente e dolorosamente vazio :

*“Pobre e pequenina SIU IENG,
não mais te dobres ao peso milenário
dos grandes mistérios do Oriente;
mostra na tua boca linda e vermelha
a arrogância do peito ardente
que sabe calar – aroma de centelha –
a paixão proibida que te devora.*

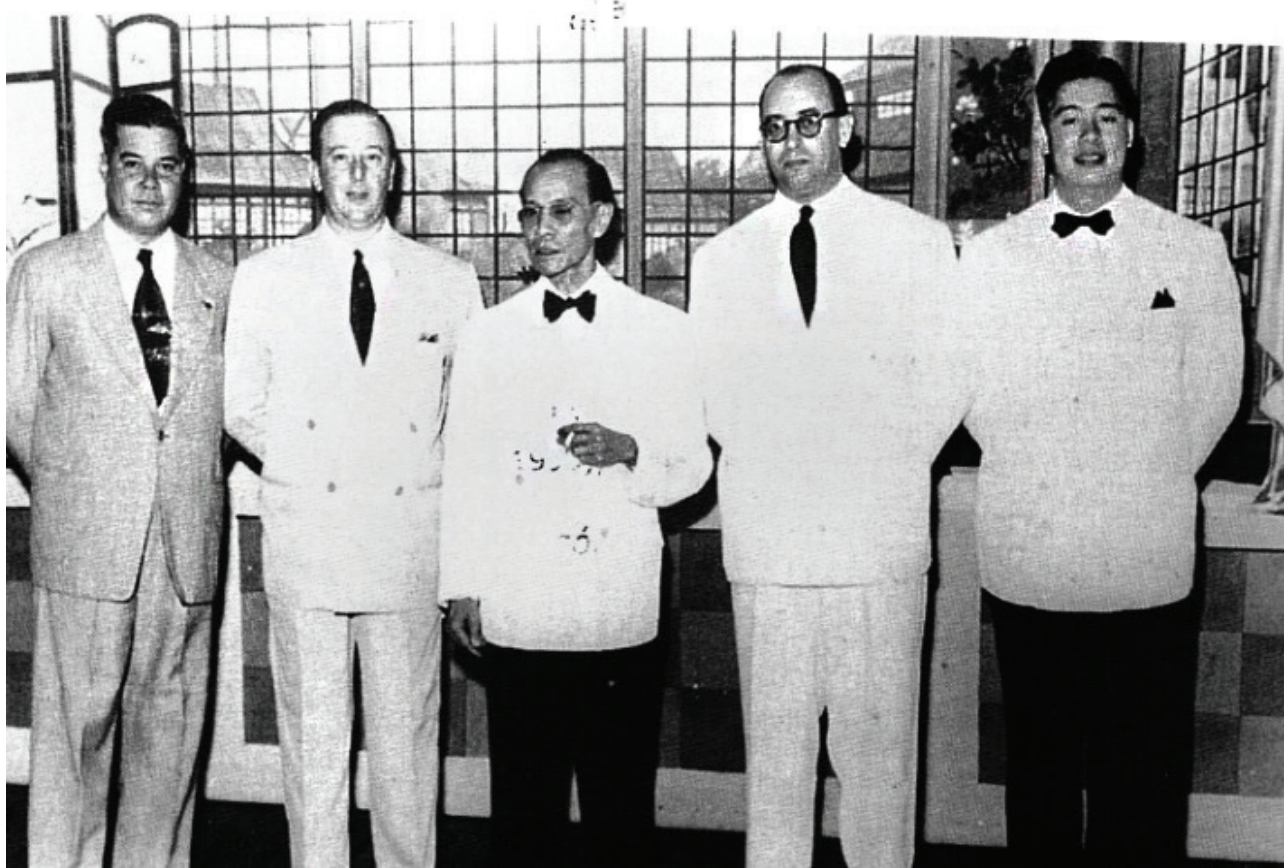
*Não mais ergas os olhos lindos,
tristes e súplices, de amor doridos,
à mudez do Buda terrível, indiferente;
não mais levantes as mãos finas,
mornas como carícias de boninas,
longas carícias embriagadoras,
aos ídolos de seduções inquietadoras.”*³⁵

José Silveira Machado coloca com sinceridade o seu pensar crente, estimulando uma discussão



Antigos colaboradores. Cortesia Jornal *O Clarim*.

ORIENTALISMO



Da esquerda para a direita: Cláudio Vaz, Rogério Antunes, Pedro José Lobo, José Silveira Machado e Roque Choi. In Sinopse de Macau das Relações Luso-Chinesas, 1945-1995, Silva Fernandes, Moisés.

iluminada por uma candura espiritual e voluntarista, reivindicando uma finitude radical :

*“No tempo psicológico a encandear paixões,
anseios, alegrias, tristezas,
encantos e desencantos.
No espaço íntimo de emoções fortes, de silêncios
magoados, de prazeres capitosos, de imagens
delirantes, de ilusões perdidas.
E ao longo dessa trajectória a poesia surgiu
trazida numa caravela de sonho.”³⁶*

O conhecimento de Macau significava uma reorganização das ideias pré-concebidas em nome do dever de entender, assumindo as inquietações com toda a clareza , por vezes matizada de hostilidades orgânicas :

*“Transpus os pórticos dos templos budistas no
desejo de desvendar
os mistérios da velha China.
Calcorreei calçadas e subi colinas para mergulhar
o pensamento e a
sensibilidade nos encantos e desencantos da
cidade cristã.
Subi o rio por entre juncos, lorchas e sampanas,
para sentir a vida
dos homens do mar, na sua luta contra a incerteza
dos ventos e das marés.”³⁷*

O sentimento de pequenez perante os enigmas cósmicos entrelaçam-se com as emoções delicadas por uma apreensão estética intensa e positivista dos saberes, assumindo a alteridade como uma prerrogativa da exterioridade:

ORIENTALISM

*“Deuses e heróis comandam os destinos e os anseios da
velha terra
dos mandarins.
As espadas flamejantes dos heróis da lenda e os olhos de
jade dos
deuses, terríveis e implacáveis, dominam a vida desse
grande povo.
Símbolos de arregaçadas crenças exercem profunda
influência nas
determinantes do pensamento.
A muralha secular, estendida por quilômetros de estepes,
é ainda
baluarte forte a impedir o avanço de concepções estranhas.
A tradição pesa demasiado na vida do chinês para que
ele se
desembarace dos conceitos de seus antepassados, firmados
em máximas de
reconhecida sabedoria.”³⁸*

José Silveira Machado reflecte sobre a sua circunstância e a conjuntura tumultuária de onde provém as suas grandiosas energias, formulando uma reflexão melancólica e vagamente dolorida :

*“Eu sou apenas o passado
não vou nem fico
nem posso recuar.*

*A nostalgia das horas
trouxe-me o ontem de amanhã
o presente não conta
o futuro não interessa
o passado não morre.*

*Dentro da noite e do mistério
vivo com a minha sombra
no ontem de amanhã.”³⁹*

Este quase neoplatonismo remete as ideias puras para um mundo ideal, cujo esforço de ascensão não chega para apaziguar o espírito:

*“Irrequieto melancólico alucinado
o pensamento esfuma-se
nas brumas do mistério.”⁴⁰*

Apesar das limitações, ao “contemplar a cidade de Macau, jóia de rara beleza a impor no Extremo Oriente o nome dum Povo e o significado duma Civilização, sentimo-nos orgulhosos do seu passado de glória e cresce em nós a mais profunda confiança no seu futuro de terra de paz, de ordem e de trabalho. Percorrer, pois, as ruas de Macau, em tarde calma de primavera, é viver, no significado histórico os seus monumentos e na religiosidade dos seus templos, o lusitanismo criador que nos atirou para as sete partidas do Mundo. É desvendar, no silêncio misterioso dos pagodes e nos usos e costumes do povo chinês, a alma enigmática da velha China. É embriagar o espírito nas belezas naturais desta aliciante terra de maravilha”.⁴¹ Esta declaração de amor a Macau é a marca sensível deste orientalismo romântico que valoriza e respeita as relações intersubjectivas com os seus versos e reversos, na sua especificidade e dignidade, colocando em evidência a hospitalidade como a grande fonte de sentido para a histórica presença portuguesa. E nas tertúlias com os amigos, manteve até ao fim esse espírito ecuménico numa sociedade aberta onde a tolerância parecia ser ilimitada. Esta questão radical encontrava uma resposta ondulatória, cada caso era um caso com os seus próprios pressupostos, sem tempo mas com a “nostalgia das horas” :

*“Tortura-me o silêncio das horas
a distância
o mar
as ondas
o vento
em requebros sensuais
o pensamento
em dobras de angústia.*

ORIENTALISMO

Gosto das horas mortas

Sem nada

Sem ninguém

eu mesmo e só eu

*dentro e fora do tempo e do espaço
no silêncio de mim mesmo.”*

Depoimentos sobre José Silveira Machado⁴³

Ao chegarmos a Macau, em 1970, os convivas, nos acontecimentos festivos a que acorriámos, eram praticamente todos conhecidos uns dos outros. Os encontros desportivos, culturais, religiosos, as celebrações do 10 de Junho no Jardim de Camões e no Palácio, a frequência dos Clubes (de Macau, Militar, Ténis), as esplanadas dos cafés (Solmar...), os cafés sem esplanada (Safari...), os novos espaços oferecidos pelo recentemente aberto Hotel Lisboa, as Missas (Sé, S. Domingos, S. Lázaro), e até os corredores do Hospital Conde de S. Januário, de nenhum destes pontos excluimos a possibilidade de cruzar com José Silveira Machado. E cruzar não era só “passar por”, era ficar à conversa um bom bocado, porque assunto e comentários não faltavam.

No serviço, eu, Beatriz e eu, João, porque ambos assinamos este depoimento, já não era tão fácil, porque ensinávamos em escolas diferentes. A impressão que dele colhemos devia-se também a termos uma sua filha como aluna. As nossas ideias convergiam agradavelmente e focavam-se com frequência nos pontos de vista que ele exprimia como jornalista de pena hábil.

Sujeito educadíssimo e apumado, ou não fosse ele açoriano, brilhava em si a facilidade e riqueza linguística adquiridas no Seminário de S. José.

Definitivamente para clérigo não iria!

Casou com uma senhora de Macau (frequentadora dos Chás da Primeira Dama e membro da Obra das Mães), mas, curiosamente, seria mais tarde ela própria a optar por viver em Lisboa (filhas a estudar), enquanto Silveira Machado se agarrou ao Oriente como se ali tivesse raízes. E tinha: hábitos, amigos que prezava

devotadamente, o ambiente e o ar que considerava, do coração, seus.

Como professor da ECPN o Director com quem mais tempo trabalhou foi o Dr. Henrique de Sena Fernandes. A sua actividade docente coincidiu, apesar de tudo, de forma larga e suficiente para, no meu (João Bosco) exercício de Director o ter apreciado e admirado pela sua enorme dedicação. De uma empatia extraordinária com os colegas e alunas, alunos também, de sábio e pronto conselho, estava sempre disponível quer nas festas da Escola, quer nos eventos desportivos ou nos passeios escolares.

Em visita dos alunos finalistas às Filipinas, coube-me como Director ter a prestimável companhia e ajuda do Prof. Silveira Machado. Ficamos instalados no mesmo quarto, o que proporcionou entre nós uma camaradagem que, pela diferença de idades e pelo tempo de serviço, não teria ocorrido de outro modo.

Eu, Beatriz, acrescento só uma nota pessoal :

“- Ó Prof. Silveira Machado, sendo o sr. o revisor de provas do divertido romance do Dr. Henrique ‘Amor e Dedinhos de Pé’ tão bem sucedido que foi levado ao cinema, por que não alterou algumas deixas do texto para um português padrão ? Não é uma pena aquela sintaxe desadequada, enfim... o que me diz ?

- Olhe menina, fiz a limpeza possível, o resto era ofender o estilo do romancista”.

Portanto, preferiu que o revisor passasse por distraído, não o sendo de todo!

Silveira Machado escritor, homem de cinema, de desporto, de sociedade, de jornais é extenso demais para caber num curto depoimento.

Coimbra, Outubro de 2018

Beatriz e João Basto da Silva

Conheci José Silveira Machado em 1983 nos escritórios do Grupo Empresarial Aldifera onde fui fazer uma entrevista, previamente agendada pelo telefone, ao gerente e proprietário Alberto Dias Ferreira, conhecido como “ministro”. O Zé era amigo e colaborador e

ORIENTALISM

foi ele que depois das apresentações, do telefonema desconfiado para cima, e ar de poucos amigos, subiu comigo as escadas de acesso ao gabinete do chefe.

No regresso da entrevista, umas 3 horas e uma garrafa de uísque depois (trabalho feito, ficamos celebrando o facto de nos termos conhecido em Lisboa, em fins dos anos 70, nos então estúdios da Tobis, por causa de um documentário. Filme que ele tinha ali mesmo, numa gaveta, e o meu nome na ficha técnica. Feita aquela amizade até à morte, o bom do Silveira Machado era outro, combinamos jantar no dia seguinte. Encontros que se repetiram alegremente por mais de 20 anos até ao seu falecimento em 2007.

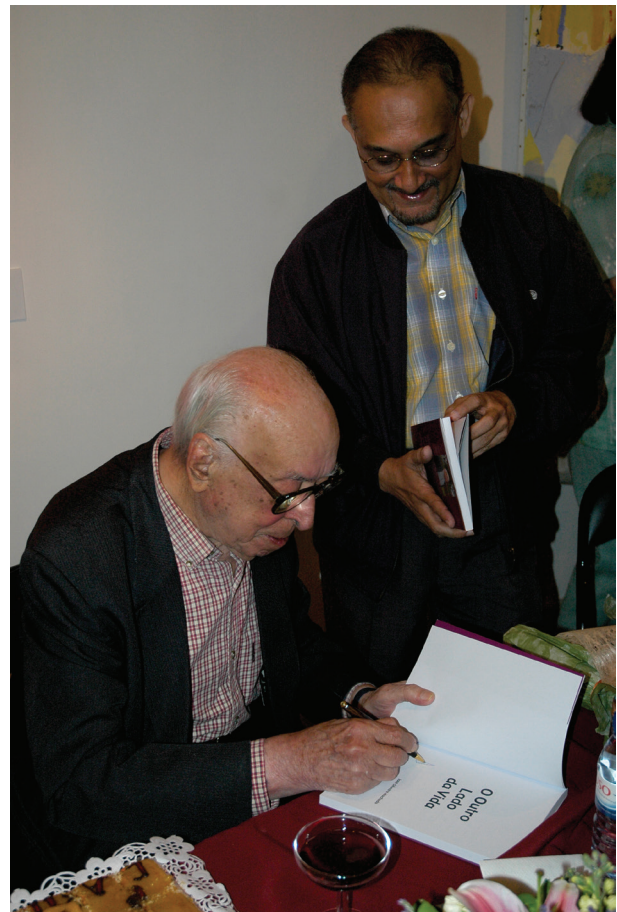
Quase sempre havia uma figura aglutinadora das tantas tertúlias vividas, o também inesquecível Alberto Estima de Oliveira. Os locais habituais dessas reuniões absolutamente de amigos, nunca organizadas como alguma coisa para além da informalidade de acompanharmos iguarias chinesas com tinto português em copos de licor, eram no Taim Sam Un, no prolongamento da Rua da Felicidade, hoje creio que um pequeno hotel modernão, ou, quase em frente, na Travessa da Felicidade, o Vun Kei, que ainda existe e nos últimos anos completamente renovado e de grande qualidade.

Começaram por ser almoços a 3 ou 4, Silveira Machado, Estima e eu, agregando logo depois o Carlos Morais José, o Yao Jing Ming, o Américo Monteiro, em muitas ocasiões o José Maneiras, a Celina Veiga de Oliveira, o Padre Lancelot, variadíssimos mais, incluindo figuras de passagem por Macau que ali ensaiavam ou digeriam a palestra feita, o teatro representado, a música tocada, as imagens captadas, ou qualquer missão cumprida ou por cumprir. Tudo sempre indisciplinado, acalorado, polémico, sem medo das palavras ecoadas nos azulejos ou manchadas nos papéis de limpar as mãos. Teciam-se crónicas de jornal, lapidavam-se frases fazendo-as poemas, inspiravam-se cantigas, sugeriam-se divulgações de incomparáveis histórias

antigas, o Zé contava episódios rocambolescos do desaparecido filme 'Caminhos Longos', de Eurico Ferreira de que ele foi produtor. Emocionava-se de cada vez que falava deste filme.

O Professor, como a generalidade das vezes era mencionado, foi um apaixonado, rebelde e tolerante, intempestivo e meigo, conservador e revolucionário, mas não tudo ao mesmo tempo, dependia das conversas, das situações, muitas vezes do cruzamento de olhares. Nas vadiarias nocturnas mostrava sempre o seu irrepreensível porte de cavalheiro.

Foram muito difíceis - sei que foram por ter testemunhado - os últimos tempos de vida internado num asilo. Nos primeiros desses dias ter-se-ão sucedido alguns episódios revoltantes, o mais



Lançamento do livro *O outro lado da vida*. Cortesia Jornal O Clarim.

ORIENTALISMO

possível mitigados pela solidariedade activa de um companheiro ali alojado, por uma sua jovem amiga que diariamente se sentava à cabeceira durante as horas permitidas, a comida caseira que lhe levava outra amiga, ou a visita de alguns amigos.

Hélder Fernando
Novembro, 2018

SUBSÍDIO PARA UMA BIBLIOGRAFIA DE JOSÉ SILVEIRA MACHADO

Em volume

Macau, Sentinela do Passado, edição da Secção de Propaganda e Turismo, Macau, 1956, 113 pp.

Rio das Pérolas, introdução de Carlos Marreiros e de Henrique de Senna Fernandes, edição Mar-Oceano Editora, 1993, 73 pp.

Duas Instituições Macaenses : Associação Promotora da Instrução dos Macaenses e Escola Comercial Pedro Nolasco, com João Guedes, prefácio de Henrique de Senna Fernandes, edição da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses, 1998, 286 pp.

Macau na Memória do Tempo, edição da Fundação Macau, 2002, 213 pp.

O Outro Lado da Vida, edição *O Clarim*, Macau, 2005, 147 pp.

Antologia [está incluído em]

Trovas Macaenses, organização de João C. Reis e Maria Helena Osório Reis, Mar-Oceano Editora, Macau, 1992.

Antologia de Poetas de Macau, selecção e organização de Jorge Arrimar e Yao Jingming, prefácio de Ana Paula Laborinho, edição bilingue, português/chinês, Instituto Camões/Instituto Cultural

de Macau/Instituto Português do Oriente, 1999.

Poetas Portugueses de Macau/Portuguese Poets of Macao, organização de Christopher Kelen e Lili Han, Ed. Association of Stories in Macau, edição bilingue português\inglês, 2009.

Colaboração dispersa⁴⁴

O Grande Amor, *Revista Renascimento* [Macau], Vol. II, Nº 6, Dezembro, 1943, pp. 664-665

Ansiedade, *Revista Renascimento* [Macau], Vol. III, Nº 1, Janeiro, 1944, pp. 98-99

Ao Nascer do Sol (quadro simples), *Revista Renascimento* [Macau], Vol. III, Nº 2, Fevereiro, 1944, pp. 138-139

Poema da Carne, *Revista Renascimento* [Macau], Vol. III, Nº 2, Fevereiro, 1944, pp. 213-214

Alma Triste (quadro simples), *Revista Renascimento* [Macau], Vol. III, Nº 3, Março, 1944, pp. 262-263

Aragem, *Revista Renascimento* [Macau], Vol. III, Nº 3, Março, 1944, pp. 327-328

Conformismo, *Revista Renascimento* [Macau], Vol. III, Nº 4, Abril, 1944, pp. 344-346

Quando a tarde cai, *Revista Renascimento* [Macau], Vol. III, Nº 4, Abril, 1944, pp. 426-427

Fumos da Vida, *Revista Renascimento* [Macau], Vol. III, Nº 5, Maio, 1944, pp. 470-472

Almas Denegridas, *Revista Renascimento* [Macau], Vol. III, Nº 5, Maio, 1944, pp. 515-516

Primavera na Terra – Primavera no Céu, *O Clarim*, [Macau], Nº 1, 01.05.1949

Mensagem de Fátima ... e os caminhos transbordantes de gente e de milagres, *O Clarim*, [Macau], Nº 2, 08.05.1949

Conto : Uma Velha Lenda, *O Clarim*, [Macau], Nº 14, 31.07.1949

Carta Aberta ao autor de 'O Leão do Passaleão', *O Clarim Literário*, [Macau], Nº 1, 11.09.1949

Cândido de Figueiredo, o grande filólogo português, *O Clarim Literário*, [Macau], Nº 2, 25.09.1949

ORIENTALISM

- A Sétima Arte, *O Clarim Cinematográfico*, [Macau], Nº 1, 02.10.1949
- Conto : Gabriela, *O Clarim Literário*, [Macau], Nº 3, 16.10.1949
- Crítica Cinematográfica : 'Fátima, Terra de Fé', *O Clarim Cinematográfico*, [Macau], Nº 2, 23.10.1949
- Traduttore, tradittore...., *O Clarim Literário*, [Macau], Nº 5, 11.12.1949
- A Festa de Natal da Imprensa Nacional, *O Clarim*, [Macau], Nº 36, 01.01.1950
- O Amor e a Saudade dos Portugueses nos 'Lusíadas', *Revista MOSAICO*, [Macau], Nº 1, 1950, pp. 49-53.
- 'Momentos Musicais' de Francisco Carvalho e Rego, *O Clarim Literário*, [Macau], Nº 6, 15.01.1950
- O Movimento Espiritual no Teatro e no Cinema, *O Clarim Cinematográfico*, [Macau], Nº 4, 22.01.1950
- A Poesia em face da lei da cooperação, *O Clarim Literário*, [Macau], Nº 8, 05.03.1950
- A estreante do D. Pedro V : Mariazinha Soveral, *O Clarim Cinematográfico*, [Macau], Nº 6, 19.03.1950
- Relatório da Associação de Football de Macau, *O Clarim*, [Macau], Nº 10, 09.07.1950
- Concerto Musical em benefício do Colégio D. Bosco, *O Clarim*, [Macau], 09.07.1950
- A obra imortal de Garrett : Frei Luís de Sousa, *O Clarim* [Macau], 27.08.1950
- O amor e a saudade dos portugueses nos 'Lusíadas', *Revista Mosaico*, Vol. I, Nº 1, Setembro, 1950, pp. 49-53
- 'Macau' de Francisco Carvalho e Rego, *O Clarim* [Macau], 01.10.1950
- Solenes Festejos em honra do pequeno grande santo Domingos Sávio, *O Clarim* [Macau], 03.12.1950
- A minha homenagem, *O Clarim* [Macau], 31.12.1950
- Os rapazes do Colégio Dom Bosco, *O Clarim* [Macau], 14.01.1951
- Mais uma obra de assistência social, *O Clarim* [Macau], 21.01.1951
- A acção beneficente da exm^a. sr^a. D. Helena Cremilda de Oliveira, *O Clarim* [Macau], 25.03.1951
- Preito de Saudade, *O Clarim* [Macau], 29.04.1951
- Macau viu com tristeza e com saudade partir o seu estimado Governador Com. Albano Rodrigues de Oliveira, *O Clarim* [Macau], 29.04.1951
- Dois dias em Hongkong, *O Clarim* [Macau], 29.04.1951
- Dois livros de Francisco Carvalho e Rêgo, *O Clarim* [Macau], 06.05.1951
- Hernâni Anjos fala a O Clarim, *O Clarim* [Macau], 30.05.1951
- Vai começar a segunda fase do Bairro Económico, *O Clarim*, [Macau], 03.06.1951
- Sessão solene promovida pela União Nacional, *O Clarim* [Macau], 03.06.1951
- A assistência em Macau, *O Clarim* [Macau], 29.07.1951
- O passado missionário de Portugal, *O Clarim* [Macau], 16.09.1951
- O vento das boas impressões, *O Clarim* [Macau], 02.12.1951
- O Clarim e a sua semana desportiva, *O Clarim* [Macau], 16.12.1951
- Noite de Natal, *O Clarim* [Macau], 23.12.1951
- Comandante Joaquim Marques Esparteiro em visita oficial a S.Ex^a. o Governador de Hong Kong Sir Alexander Grantham, *O Clarim* [Macau], 06.01.1952
- O significado de uma visita, *O Clarim* [Macau], 13.01.1952
- Fazei muita cristandade, *O Clarim* [Macau], 24.02.1952

ORIENTALISMO

Filme 'Senhora de Fátima', *O Clarim* [Macau], 24.02.1952
 Filme 'Senhora de Fátima', *O Clarim* [Macau], 02.03.1952
 Na estreia de 'Senhora de Fátima', *O Clarim* [Macau], 09.03.1952
 A propósito do regresso de Leonor Maia aos Estúdios, *O Clarim* [Macau], 23.03.1952
 Uma pergunta e 18 respostas acerca do filme 'Senhora de Fátima', *O Clarim* [Macau], 23.03.1952
 Clarim cinematográfico, *O Clarim* [Macau], 06.04.1952
 Foi inaugurada oficialmente a Emissora Vila Verde, *O Clarim* [Macau], 13.04.1952
 Macau viveu horas de fé nos dias 12 e 13 de Maio, *O Clarim* [Macau], 18.05.1952
 Sérgio Varela Cid e Silva Pereira, *O Clarim* [Macau], 22.06.1952
 Siou Yeng (poesia), com tradução francesa de R. Wengraf, *O Clarim* [Macau], 27.07.1952
 Ricardo Malheiro, *O Clarim* [Macau], 24.08.1952
 Porque fomos às Ilhas?, *O Clarim* [Macau], 14.12.1952
 Fazei muita cristandade, *O Clarim* [Macau], 14.12.1952
 ... e uma estrela brilhou (poesia), *O Clarim* [Macau], 25.12.1952
 Ronda internacional, *O Clarim* [Macau], 25.01.1953
 D. José da Costa Nunes, *O Clarim* [Macau], 26.02.1953
 Ao bater das doze badaladas...., *O Clarim* [Macau], 04.01.1953
 Ronda internacional, *O Clarim* [Macau], 08.03.1953
 Luís Vaz de Camões, poeta e soldado, *O Clarim* [Macau], 11.06.1953
 'A mais formosa cidade de quantas vi em toda a minha vida', *O Clarim* [Macau], 18.06.1953
 Discurso na eleição do melhor atleta de 1954, *O Clarim* [Macau], 13.02.1955
 O Paraíso, *O Clarim* [Macau], 01.03.1956
 Conversando com refugiados, *O Clarim* [Macau], 29.04.1956
 'A Mulher Venceu', *O Clarim* [Macau], 17.05.1956

Macau na história das relações comerciais com a China, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Vol. LV, Nº 641, 1957, pp. 818-829
 Francisco de Carvalho e Rêgo, *O Clarim* [Macau], 17.01.1960
 Os Salesianos em Macau, *O Clarim* [Macau], 31.01.1960
 Uma manifestação de apreço, *O Clarim* [Macau], 18.02.1960
 Camarotes dos barcos de carreira, *O Clarim* [Macau], 27.03.1960
 Condução difícil, *O Clarim* [Macau], 31.03.1960
 Transporte colectivo de estudantes, *O Clarim* [Macau], 03.04.1960
 Dia Mundial da Saúde, *O Clarim* [Macau], 07.04.1960
 Coisas que acontecem, *O Clarim* [Macau], 28.04.1960
 O atletismo em Macau, *O Clarim* [Macau], 05.05.1960
 'Enchanting Macau', *O Clarim* [Macau], 08.05.1960
 Quem foi 'Henrique'?, *O Clarim* [Macau], 12.05.1960
 Mães Canossianas, *O Clarim* [Macau], 15.05.1960
 Funcionários e suas categorias, *O Clarim* [Macau], 19.05.1960
 Sua Ex^a o Governador regressa, *O Clarim* [Macau], 22.05.1960
 As avezitas também choram..., *O Clarim* [Macau], 26.05.1960
 Horário de Verão, *O Clarim* [Macau], 29.05.1960
 Futebol.....uma doença!, *O Clarim* [Macau], 05.06.1960
 Aproxima-se o tufão!, *O Clarim* [Macau], 09.06.1960
 E pontos nos iii..., *O Clarim* [Macau], 12.06.1960
 Solidariedade, *O Clarim* [Macau], 16.06.1960
 Hospitalização em 3^a classe, *O Clarim* [Macau], 19.06.1960
 Moradias para funcionários municipais, *O Clarim* [Macau], 26.06.1960
 A América e o Japão, *O Clarim* [Macau], 30.06.1960
 Ainda os buracos das ruas, *O Clarim* [Macau], 03.07.1960
 Exames, *O Clarim* [Macau], 07.07.1960
 O trânsito e os seus problemas, *O Clarim* [Macau], 10.07.1960

ORIENTALISM

- Quanto pode a avareza?, *O Clarim* [Macau], 14.07.1960
- Funcionários louvados, *O Clarim* [Macau], 17.07.1960
- Uma decisão justa, *O Clarim* [Macau], 21.07.1960
- Considerações sobre o dinheiro, *O Clarim* [Macau], 28.07.1960
- Unidade nacional, *O Clarim* [Macau], 31.07.1960
- Rua Madre Teresina, *O Clarim* [Macau], 04.08.1960
- Macau e o turismo, *O Clarim* [Macau], 07.08.1960
- As Ruínas de S. Paulo, *O Clarim* [Macau], 11.08.1960
- Grande Prémio de Macau, *O Clarim* [Macau], 14.08.1960
- A presença do Brasil, *O Clarim* [Macau], 21.08.1960
- Ano Olímpico de 1960, *O Clarim* [Macau], 25.08.1960
- Pelas ruas da Cidade, *O Clarim* [Macau], 28.08.1960
- Um sonho inofensivo, *O Clarim* [Macau], 04.09.1960
- Protejamos os animais, *O Clarim* [Macau], 08.09.1960
- O embelezamento da Cidade, *O Clarim* [Macau], 11.09.1960
- O exemplo dos Olímpicos, *O Clarim* [Macau], 15.09.1960
- O primeiro aniversário, *O Clarim* [Macau], 18.09.1960
- Os valdevinos da cidade, *O Clarim* [Macau], 22.09.1960
- No Bairro de Mong Há, *O Clarim* [Macau], 25.09.1960
- Noção do dever, *O Clarim* [Macau], 29.09.1960
- Censo da População, *O Clarim* [Macau], 02.10.1960
- A missão da imprensa, *O Clarim* [Macau], 06.10.1960
- Hotéis e Turismo, *O Clarim* [Macau], 09.10.1960
- Problemas de trânsito, *O Clarim* [Macau], 11.12.1960
- Aproxima-se o Natal, *O Clarim* [Macau], 18.12.1960
- Visita a Hong Kong de S. Ex^a. o Governador, *O Clarim* [Macau], 25.12.1960
- Bons dias, 1961, *O Clarim* [Macau], 01.01.1961
- Macau e as suas ruas, *O Clarim* [Macau], 15.01.1961
- É de louvar, *O Clarim* [Macau], 22.01.1961
- Vil e vergonhosa acção, *O Clarim* [Macau], 29.01.1961
- Comédia humana, *O Clarim* [Macau], 19.02.1961
- O nosso sistema de trânsito, *O Clarim* [Macau], 26.02.1961
- O ‘Time’ americano, *O Clarim* [Macau], 05.03.1961
- A independência da menina Libéria, *O Clarim* [Macau], 12.03.1961
- A ONU e Portugal, *O Clarim* [Macau], 16.03.1961
- O direito à aposentação, *O Clarim* [Macau], 19.03.1961
- Praga de mosquitos, *O Clarim* [Macau], 06.04.1961
- Saber perder....uma vitória, *O Clarim* [Macau], 16.04.1961
- A farsa da ONU, *O Clarim* [Macau], 23.04.1961
- Pavimento das ruas, *O Clarim* [Macau], 07.05.1961
- Norte-americanos e Salazar. Carta aberta, *O Clarim* [Macau], 11.05.1961
- Norte-americanos e Angola. Carta aberta, *O Clarim* [Macau], 14.05.1961
- Cheiro que incomoda, *O Clarim* [Macau], 18.05.1961
- Revolução Nacional, *O Clarim* [Macau], 28.05.1961
- ‘Os Pecados da Juventude’, um filme condenável, *O Clarim* [Macau], 06.08.1961
- Materiais sujeitos a licenças, *O Clarim* [Macau], 10.08.1961
- Vale mais prevenir, *O Clarim* [Macau], 13.08.1961
- Medidas de precaução, *O Clarim* [Macau], 20.08.1961
- Certificado de vacinação, *O Clarim* [Macau], 24.08.1961
- A conferência de navegação bateu o pézinho!, *O Clarim* [Macau], 27.08.1961
- Sinais dos tempos, *O Clarim* [Macau], 31.08.1961
- Um ministro ... um exemplo, *O Clarim* [Macau], 03.09.1961
- O estado de conservação das ruas, *O Clarim* [Macau], 07.09.1961
- Vendilhões da honra alheia, *O Clarim* [Macau], 10.09.1961
- Verdades amargas, *O Clarim* [Macau], 14.09.1961
- Um filme japonês, *O Clarim* [Macau], 21.09.1961
- Matagais, *O Clarim* [Macau], 24.09.1961
- O mundo de Suzie Wong, *O Clarim* [Macau], 01.10.1961
- A economia nacional, *O Clarim* [Macau], 05.10.1961
- Mais urros e grunhidos!, *O Clarim* [Macau], 08.10.1961

ORIENTALISMO

Nunca confiar...., *O Clarim* [Macau], 12.10.1961
 Horário de verão, *O Clarim* [Macau], 15.10.1961
 Livre de cólera, *O Clarim* [Macau], 19.10.1961
 Males dos cinemas, *O Clarim* [Macau], 22.10.1961
 O mundo actual, *O Clarim* [Macau], 26.10.1961
 Manias ... e maníacos, *O Clarim* [Macau], 29.10.1961
 Obras municipais, *O Clarim* [Macau], 05.11.1961
 O 8º Grande Prémio, *O Clarim* [Macau], 09.11.1961
 Não vendemos Portugal!, *O Clarim* [Macau],
 12.11.1961
 Campo desportivo do canídrómo, *O Clarim* [Macau],
 03.11.1961
 A integração da Nova Escola nas Sociedades Modernas,
O Clarim [Macau], 12.10.1972
 Depoimento sobre José dos Santos Ferreira, in
 Carlos Marreiros, *Adé dos Santos Ferreira*
Fotobiografia, edição da Fundação Macau,
 1994, pp. 48-49.
 A importância da Comercial na formação dos
 macaenses – 125 anos da APIM: formar
 e instruir a juventude macaense, *Revista*
Macau, II Série, Nº 48, 1996, pp. 22-31.
 Damão : saudade revisitada, *Revista Macau*, II série,
 Nº 64, 1997, pp. 72-77.
 A indústria fosforeira no princípio do século XX,
Revista Macau, II série, Nº 85, 1999, pp. 90-
 96.
 470 anos de assistência aos leprosos em Macau, *Revista*
Macau, II série, Nº 90, 1999, pp. 90-97.

Filmografia

Documentário “Macau”, 1952: [direcção de Ricardo
 Malheiro; texto, José Silveira Machado;
 locução, Fausto Branco; música, Pedro José
 Lobo; fotografia, João Macedo e Albert
 Young]
Filme “Caminhos Longos”, drama, 1955, 105 minutos
 [Produção Eurásia Filmes, Lda; realização,
 Eurico Ferreira; argumento, José Silveira
 Machado; Música, Pedro José Lobo;
 Fotografia, Albert Young; Elenco, Chung

Wong Ching, Irene Matos, Joaquim Rufino,
 José Pedro e Lola Young]

Teatro de Revista

Nhum Vêlo \ Os inquilinos do Senhor Zacarias
 Teatro D. Pedro V, Abril, 1977
 Adaptação de José Silveira Machado

Direcção de Edição

Obra Completa de José dos Santos Ferreira
 Edição da Fundação Macau, Macau, 5 volumes,
 1994-1996

Condecorações

Medalha de Mérito Desportivo [Governo de Macau],
 1980
 Medalha de Mérito Cultural [Governo de Macau],
 1995
 Oficial da Ordem da Instrução Pública [Presidência da
 República], 1978
 Comendador da Ordem de Mérito [Presidência da
 República], 1999
 Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública
 [Presidência da República], 2005

Sobre o Autor

António Aresta, “José Silveira Machado”, *Jornal*
Tribuna de Macau, 17.03.2011.
 António Aresta, *Figuras de Jade. Os Portugueses no Extremo*
Oriente, edição do Instituto Internacional de
 Macau, 2014, [pp. 103- -106].
 Clara Gomes, “Uma Vida em Macau”, *Revista Macau*,
 II Série, Nº 92, Dezembro, 1999, pp. 69-73.
 Fernando Costa Andrade, *Memórias e Testemunhos*,
 edição da Direcção dos Serviços de Educação
 e Juventude, Macau, 1999. [pp. 462-471].
 Isabel Castro, “Faleceu José Silveira Machado.
 Do outro lado da vida”, *Tai Chung Pou*,
 19.11.2007
 Jorge Forjaz, *Famílias Macaenses*, Vol. I, 2ª edição, ed.
 Albergue SCM, Macau, 2017.

ORIENTALISM

Jorge Rangel, “No centenário de José Silveira Machado – um percurso de dedicação a Macau”, *Jornal Tribuna de Macau*, 29.01.2018

José Carlos Seabra Pereira, *O Delta Literário de Macau*, edição do Instituto Politécnico de Macau, 2015, [pp. 403-409].

José Machado Lourenço, *Açorianos em Macau*, edição de autor, Angra do Heroísmo, 1981

Manuel de Almeida, “A Memória da Cidade II”, *Hoje Macau*, 25.10.2018

Marco Carvalho, “O Macaense dos Açores nasceu há 100 anos”, *O Clarim*, 26.10.2018

Webgrafia

Blogues com entradas sobre José Silveira Machado

<https://nenotavaicontra.wordpress.com/>

<https://cronicasmacaenses.com>

<https://www.macaneseefamilies.com>

macauantigo.blogspot.com **RC**

NOTAS

- 1 O jornal ‘*O Clarim*’, ainda em publicação, era propriedade de Juventude Católica de Macau e tinha a Redacção e Administração na Residência Paroquial de São Lourenço. Era composto e impresso na Tipografia Mercantil de N. T. Fernandes e Filhos, Lda, Rua Central, 26-28, em Macau. O cabeçalho foi concebido pelo pintor russo George Smirnoff. O seu director e editor era o Padre Fernando H. L. Maciel. A edição Nº 1, Ano II, saiu no dia 1 de Maio de 1949.
- 2 Monsenhor Manuel Teixeira, *Liceu de Macau, 3ª edição, corrigida e aumentada, Direcção dos Serviços de Educação, Macau, 1986, p. 581.*
- 3 Suplemento ao Nº 50, 21 de Dezembro de 1933, páginas 1415-1447. Em Portugal, o Decreto 21 110 tinha sido promulgado em 4 de Abril de 1932.
- 4 Fernando Costa Andrade, *Memórias e Testemunhos*, Edição da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau, 1999. A entrevista a José Silveira Machado está nas páginas 462-471. Participei nessa entrevista, juntamente com Aureliano Barata e Rui de Carvalho, em Março de 1997, que teve lugar na sala de reuniões do 5º piso da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude. Guardo desde então as referências para identificar alguns artigos não assinados que publicou em *O Clarim*.
- 5 *Rio das Pérolas*, Mar Oceano Editora, Macau, 1993, p. 15.
- 6 Fernando Costa Andrade, *Memórias e Testemunhos*, idem, p. 464.
- 7 *Idem*, pp. 465-466.
- 8 Registe-se a contradição. Em 10 de Fevereiro de 1930, o Bispo de Macau, D. José da Costa Nunes, publicou uma Provisão sobre o “Estudo da Língua dos Povos a Evangelizar”, no Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau, Nº 312. No Seminário de S. José era obrigatório o estudo e o conhecimento da língua chinesa. Mas, a Provisão não seria cumprida ?!
- 9 *Idem*, p. 466.
- 10 *Idem*, p. 466.
- 11 *Rio das Pérolas*, idem, p. 21.
- 12 Fernando Costa Andrade, *Memórias e Testemunhos*, idem, p. 465. Henrique de Senna Fernandes, no Prefácio ao *Rio das Pérolas*, tem esta certa intuição : “Adolescente, estimulado por uma vocação que julgava firme, partiu da sua ilha, desprendendo-se corajosamente do aconchego e do carinho da lar paterno. Foi uma separação psicologicamente dura e defrontou, desde então, uma solidão interior ciosamente íntima que o acompanharia vida fora e que só raros amigos detectaram, por baixo da risada folgazã e do convívio alegre”, p. 9.
- 13 Depoimento inserto em Carlos Marreiros, *Adé dos Santos Ferreira, Fotobiografia*, edição da Fundação Macau, 1994, p. 48.
- 14 Fernando Costa Andrade, idem, p. 467.
- 15 José Silveira Machado, Macau, *Sentinela do Passado*, edição da Secção de Propaganda e Turismo, Macau, 1956, p. 27.
- 16 *Idem*, p. 85.
- 17 Fernando Costa Andrade, Idem, p. 468.
- 18 *Idem*, p. 469.
- 19 *Idem*, p. 469.
- 20 António Oliveira Matos, “Uma Universidade em Macau”, jornal *O Clarim*, 09.01.1964 ; Jorge Rangel, *Os 25 Anos da Universidade de Macau*, ed. Universidade de Macau, [português-chinês-inglês], 2009.
- 21 Publicada integralmente em *O Clarim*, 12.10.1972.
- 22 Prefácio a *Rio das Pérolas* de José Silveira Machado, Mar-Oceano Editora, Macau, 1993, p. 10.
- 23 Ano XXIII, Nº 33, 23 de Agosto de 1970. O poema era dedicado “Ao Zé Pedro, a Frei Thomaz e a todo o Corpo Redactorial de *O Clarim*”. Estava assinado, sob o pseudónimo “Irmão Manuel da Pera Branca”, isto é, Monsenhor Manuel Teixeira.
- 24 Vejam-se, por exemplo, os artigos, “Sessão solene promovida pela União Nacional”, *O Clarim*, 03.06.1951 ou “Fazei muita cristandade”, *O Clarim*, 14.12.1952.
- 25 José Silveira Machado, *Macau, Sentinela do Passado*, idem, p. 75.
- 26 Por exemplo, na Revista *Renascimento*, Vol. I, Nº 3, 1943, foi publicada a “Comunicação ao País [Defesa Moral]”, proferida

ORIENTALISMO

ao microfone da Emissora Nacional, no dia 25 de Junho de 1942”, pp. 231-234.

27 *O Clarim*, 12.11.1961.

28 O Governador Jaime Silvério Marques fez publicar um “Comunicado à Imprensa”, em 12 de Fevereiro de 1960 que dizia o seguinte: “À notícia do DAILY TELEGRAPH transcrita na imprensa acerca de pretensas negociações entre Lisboa e Pequim, sobre a situação de Macau, o Governo desta Província opõe um categórico desmentido”, *O Clarim*, 14.02.1960. Neste mesmo jornal é inserida esta Declaração: “Distribuí a agência noticiosa UPI à Imprensa um telegrama de Londres que condensa um artigo publicado no ‘Daily Telegraph’ por “um correspondente especial” do mesmo jornal em Pequim em que se atribuem determinadas declarações aos Portugueses que visitaram a China. É transparente tratar-se de uma miserável manobra cujos desígnios não nos interessa discutir. Os Portugueses que recentemente, em viagem meramente particular, visitaram a China não foram delegados ou comissionados fosse por quem fosse. Mas, ainda que o fossem, como portugueses patriotas e conscientes das suas responsabilidades, nunca poderiam fazer as insólitas afirmações que essa agência caluniosamente lhes atribui. E assim, repudiam com a maior veemência e desprezo as insinuações e afirmações irresponsáveis da referida agência informativa”. Macau, 12 de Fevereiro de 1960. Fernando da Silva Nunes, 1º Tem. Eng. Maq. Naval; Vivaldo Eurico Modesto da Rosa, Médico; José Francisco Bastos, Cap. de Eng^a.; Luís Gonzaga Gomes, Professor; Ivo Cordeiro, Jornalista.

29 Veja-se esta declaração publicada na imprensa: “Declaração de solene pedido de desculpas de Cheang Iu Sên. Eu, Cheang Iu Sên, aliás Carmelo Cheang, na manhã de 24 do corrente, estando dentro do recinto do Leal Senado, proferi palavras impensadas, insultando o Presidente Mao, o glorioso Dirigente do Povo. Cometi um grave erro que naquela altura causou extraordinária

indignação aos empregados chineses do Leal Senado e aos moradores do bairro, os quais se juntaram para me acusar. Reconheci o meu erro e fiquei arrependido depois deste acontecimento, pelo que desejo de verdade acatar as críticas e os ensinamentos que os meus colegas e os moradores do bairro me dispensaram, dando garantias de que não se repetirão de futuro semelhantes incidentes. Além e reconhecer pessoalmente o meu erro perante os meus colegas e apresentar-lhes o meu pedido de desculpas, publico a presente declaração para reconhecer o meu erro perante os meus colegas e os moradores do bairro e apresentar-lhes as minhas desculpas. 26 de Maio de 1967. Declaração publicada por Cheang Iu Sên, aliás Carmelo Cheang”.

30 *Macau, Sentinela do Passado*, Idem, p. 76.

31 *Macau, Sentinela do Passado*, idem, p. 69.

32 *Idem*, p. 102.

33 “Conformismo”, Revista *Renascimento*, Vol. III, Nº 4, Abril, 1944, p. 345.

34 “Aragem”, Revista *Renascimento*, Vol. III, Nº 3, Março, 1944, p. 327.

35 *Idem*, p. 328.

36 *Rio das Pérolas*, idem, p. 16.

37 *Rio das Pérolas*, idem, p. 21.

38 *Rio das Pérolas*, idem, p. 49.

39 *Rio das Pérolas*, idem, p. 72.

40 *Idem*, p. 30.

41 *Macau, Sentinela do Passado*, idem, pp. 27-28.

42 *Rio das Pérolas*, idem, p. 64.

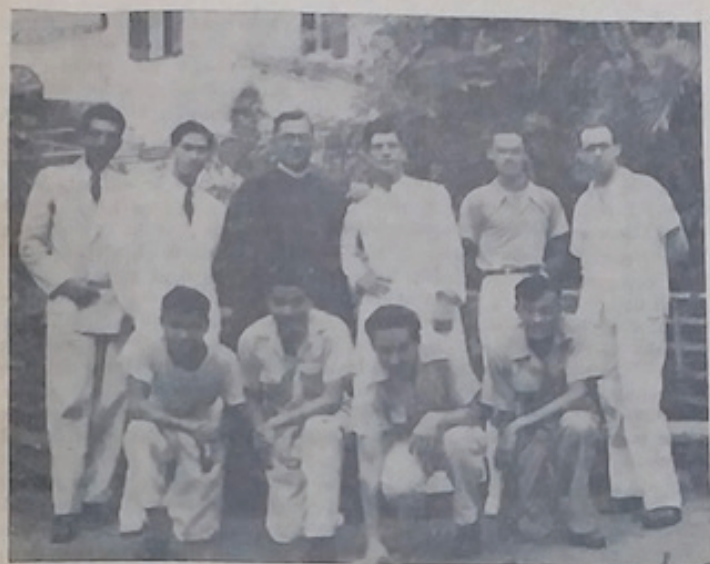
43 Estes dois depoimentos, de Beatriz Basto da Silva/João Basto da Silva e de Hélder Fernando foram propositadamente redigidos para este estudo. Em nome da preservação da memória de José Silveira Machado e de uma certa ambiência de Macau, agradecemos reconhecidos.

44 Está por fazer o levantamento exaustivo da colaboração que deixou dispersa na comunicação social.



ANO JUBILAR DE "O CLARIM"

OS FUNDADORES DO SEMANÁRIO "O CLARIM"



No jardim de S. Lourenço

Da esquerda para direita. De pé: Herculano Estorninho, Rolando das Chagas Alves, Cônego Dr. Fernando Herberto Leal Maciel, Pe. Doutor Júlio Augusto Massa, Rui da Graça de Andrade, José Silveira Machado.

Primeiro plano: Abílio Aleixo da Rosa, José Maria Ernesto de Carvalho e Rego e Gastão Humberto Barros.

(Da primeira página)

Assim se fez. É que o Capitão Silva e Costa andava de candeias às avessas com Carlos de Vasconcelos por causa da Comissão Reguladora de Abastecimentos (estávamos em tempo de guerra) e julgou que ele o pretendia desprezar, não se sujeitando a censura. Vendo na revista o nome do filho, que era uma criança, pensou que o pai é que a dirigia.

Uma vez que soube que ele nada tinha com «O Clarim» (embora fosse ele o primeiro a sugerir a sua publicação), não mais me falou na censura, dispensando-me dela.

E «O Clarim», vencido este primeiro embate, foi singrando por esses mares e por essas ares fora. Veio a sofrer depois outros choques bem mais violentos, que não vale a pena referir. No entanto, o seu toque vibrante continua a ser ouvido não só em Macau, mas por esse mundo de Cristo.

Como os pre-jecistas do Liceu tinham que fazer, no ano seguinte, os seus exames, passaram «O Clarim» aos Jecistas (do IV ao VII ano) após os primeiros quatro meses de existência; e em Dezembro de 1994 a Jec., por seu turno, onfiou-o à Juventude Católica, que abrangia não só o Liceu, mas quaisquer jovens, estudantes ou não.

Dirigentes de «O Clarim»

Carlos Manuel de Vasconcelos,

Pe. José Barcelos Mendes, 11 de Agosto de 1966 a 18 de Abril de 1971.

Pe. Dr. Manuel Alfredo Tavares, 22 de Abril de 1971 até hoje.

Pe. José Lui, director de «O Clarim» chinês de 1 de Março de 1952 a 15 de Setembro de 1955.

Que é feito deles?

O primeiro, Carlos Manuel de Vasconcelos, faleceu em Lisboa em 16 de Outubro de 1964. Foi piloto de jacto e tenente da Força Aérea Portuguesa.

Armando de Oliveira Hagatong licenciou-se em Ciências Económico-Financeiras e é Professor de Economia da Escola Superior de Belas Artes, técnico Económico do Grémio do Bacalhau e vogal do Conselho Ultramarino.

José Luís Teixeira formou-se em Ciências Económico-Financeiras.

Fernando Baltazar de Lima é Engenheiro em Lourenço Marques.

Tomás da Rosa Pereira Jr. formou-se em letras e é professor do Liceu de Angra.

Dr. Manuel da Costa Nunes, hoje Monsenhor, licenciou-se em filosofia, aposentou-se e é professor em Lisboa.

Dr. Fernando Maciel licenciou-se em teologia e faleceu em Macau a 1 de Janeiro de 1961.

Doutor Júlio Augusto Massa, doutorou-se em filosofia, foi Procurador da Câmara Corporativa e vive em Macau, aposentado.

CAIXA ECONÓMICA POSTAL DE MACAU

(GARANTIDA PELO ESTADO)

Juros de depósitos à ordem... 2%

Juros de depósitos a prazo... 3%

Juros de empréstimos caucionados

Por Declaração de Dívida—

Até \$1444,00 (Máximo) ... 7%

Por Empréstimos Hipotecários— 7% e mais 2,5% sobre a parte do empréstimo concedido e ainda não levantado a contar da data da respectiva escritura.

Empréstimos Caucionados por Letras (Suspensor)

The Macao Electric Lighting Co., Ltd.

APARELHOS ELÉCTRICOS

Se quereis ter facilidades e conforto, usai aparelhos eléctricos.

Estes óptimos aparelhos são indispensáveis no Lar Moderno.

O seu consumo é muito económico além de ser higiénica a sua utilização.

MELCO AO VOSSO DISPOR

Veng Hang

Rua Pedro Nolasco da Silva, 15

Macau (China)

Vende

Louças de porcelana chinesa, jogos de jantar, chá e café

Telefone N.º 4227

ELE NÃO ESQUECE...

Foi com imensa satisfação que recebemos da vila Robert Williams o seguinte telegrama, que por si só diz tudo:

APRESENTO DIRECTOR CORPO REDACTORIAL COLABORADORES SINCEROS VOTOS FELICIDADES ANIVERSÁRIO CONTINUANDO PROL IGREJA PÁTRIA PT. RECORDE SAUDADES SUA FUNDAÇÃO PT CUMPRIMENTOS PT

RUI ANDRADE

AMAR É COMPROMISSO

Nas celebrações de quinta-feira Santa, a Caritas Espanhola oferece aos católicos o seu lema no «Dia de Amor Fraternal»: AMAR É COMPROMISSO.

Este lema recorda a ideia forte do Evangelho que estabelece o amor aos semelhantes como contraste de autenticidade entre os verdadeiros e os falsos discípulos.

Existe uma vocação do cristão, que deve por ele ser meditada, e que consiste em viver «comprometido» em todos os aspectos da sua vida, nos seus deveres e trabalhos do mundo, nas condições ordinárias da vida familiar e social e nas suas actividades apostólicas.

A mensagem cristã urge os homens a não se desinteressarem do destino dos seus irmãos, quaisquer que sejam as suas situações, raças, níveis de vida ou profissões.

O compromisso cristão obriga-nos a uma grande solidariedade. Somos solidários porque a grande família de Deus — Pai constitui um povo com afazeres e esforços comuns.

«A falta de solidariedade» — afirma o presidente da Acção Caritativa e Social — «é uma traição a si mesmo, aos outros, ao Pai e a Jesus Cristo. O membro não solidário suga a vida dos demais e causa estes efeitos patológicos no corpo social: o malestar, a desconfiança, a inveja e a guerra».

Se se tratar de um cristão, nega o Evangelho e deixa vazia a sua Fé».

Este lema «Amar é compromisso», sugere-nos uma forma de contribuir para uma mais humana e cristã redistribuição dos «talentos» e uma melhor aplicação destes, em proveito dos menos dotados, moral e materialmente.

O homem estará tanto mais comprometido quanto maior o número de talentos que possua.

F. RODRIGUES

(Sucessores) Ltda.

Casa fundada em 1916

Endereço telegráfico:

“RODRIGUES”

Tel. N.º 3658 e 2136

HORÁRIO DOS VAPORES

Domingos	Tai Shan	Macau-H
		03.00
		17.00
	Wah Shan	09.00
		20.30
	Tung Shan	04.30
	Chung Shan	18.30
Segundas	Tai Shan	03.00
		13.30